



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**LIDY IZABEL BATISTA DA SILVA**

**PRODUÇÃO TEXTUAL NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CRITÉRIOS  
DE AVALIAÇÃO**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2016**

**LIDY IZABEL BATISTA DA SILVA**

**PRODUÇÃO TEXTUAL NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CRITÉRIOS  
DE AVALIAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba como requisito necessário à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Me. José Marcos Rosendo de Souza

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Lidy Izabel Batista da  
Produção textual no 9º ano do ensino fundamental: critérios de avaliação [manuscrito] / Lidy Izabel Batista da Silva. - 2016.  
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2016.

"Orientação: Prof. Me. José Marcos Rosendo de Souza,  
Departamento de Letras e humanidades".

1.Produção textual. 2.Critérios de textualidade. 3.Avaliação.  
I. Título.


21. ed. CDD 373.27

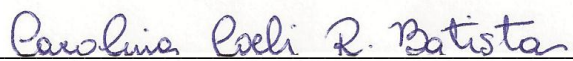
LIDY IZABEL BATISTA DA SILVA


PRODUÇÃO TEXTUAL NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CRITÉRIOS DE  
AVALIAÇÃO

Aprovado em: 19 de maio de 2016.

BANCA EXAMINADORA

  
José Marcos Rosendo de Souza (orientador)

  
Profª. Drª. Carolina Coeli Rodrigues Batista (examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

  
Profª. Esp. Eianny Cecília de Abrantes Pontes (examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

## AGRADECIMENTOS

Hoje, mais do que nunca, sinto-me totalmente agradecida por mais uma conquista realizada em minha vida: a conclusão do meu trabalho de curso. E, pensar sobre a trajetória que fiz até aqui é, sem sombra de dúvidas, chegar à conclusão de que sou uma mulher corajosa, pois as dificuldades enfrentadas no decorrer desses quatro anos não foram poucas.

Mediante a tudo que vivi nesse período, agradeço primeiramente a Deus pela sua infinita bondade, em ter me concedido saúde, paz, sabedoria e a paciência que tanto pedi em orações.

O incentivo, a colaboração, as diversas palavras de otimismo quando eu mais precisei não poderiam sair de outras pessoas senão da minha família, digo mãe, pai e meu futuro esposo. Os meus mais sinceros agradecimentos são dirigidos para eles que sonharam tanto quanto eu na realização dessa conquista.

A emoção é imensa quando me recordo das grandes amizades que construí no decorrer desses quatro anos, amizades essas que não poderia deixar de citá-las. Agradeço em especial a você Simone Fernandes, amiga e parceira, que sempre esteve me ofertando o que você tem de melhor, casa, comida e aquelas velhas palavras que sempre vêm nas horas de dificuldades.

O entusiasmo é grande, mas não poderia deixar de citar também mais duas grandes amigas, Edivânia Araújo e Roseane Firmo pelo apoio e hospedagem quando precisei ficar para concluirmos tantos trabalhos que foram pedidos por nossos professores.

Sou grata a todo *Campus IV* por estar há muitos anos oferecendo oportunidades a quem realmente deseja agarrá-las. A todo o corpo docente, o qual contribuiu para minha formação, o meu muito obrigada. Dentre esses docentes que passaram nesses anos um se destacou, talvez por externar tanto compromisso em relação a nós enquanto alunos.

A empatia por ele foi tanta que o escolhi para ser o meu orientador, Marcos Rosendo meu professor orientador, que respondeu a todas as minhas expectativas enquanto pessoa e orientador se mostrando um ser de muita competência e habilidade para fazer o seu trabalho. Marquinhos, como carinhosamente chamo, obrigada por fazer parte da execução desse trabalho.

## **RESUMO**

Observando a grande importância de se trabalhar com produção textual no espaço escolar, tendo em vista o fato de ser necessário desenvolver e aprimorar as habilidades linguísticas dos alunos, o presente trabalho objetiva analisar os critérios de avaliação e produção de textos dissertativo-argumentativos que tanto norteiam os alunos no momento da escrita quanto o professor na hora da correção. Nesse sentido, os critérios de textualidade foram analisados através de textos dissertativo-argumentativos produzidos por alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública na cidade de Bom Sucesso-PB, com o intuito de compreender de que forma são atribuídas notas para esse tipo de avaliação. Assim, os resultados dessa pesquisa foram obtidos através de um questionário respondido pelo professor da série, pela observação da aula, na qual foi exposto o tipo de texto e o tema debatido e, por fim, através das análises das produções desses alunos. Para tanto, fontes diversas como livros e artigos foram consultados para fundamentar as bases dessa pesquisa, dentre eles Gomes (2007), Koch (1989), Marcuschi (2008). Diante das análises e inferências, concluímos de forma clara e objetiva que alguns dos critérios utilizados pelos alunos no momento da elaboração dos textos são inconscientes, pois em nenhum momento da observação foi visto a exposição dos critérios de textualidade, mas foram mencionadas pelo professor dicas, consideradas insuficientes, para a elaboração dos textos, não sendo esclarecido para os alunos o que seria observado na produção para a avaliação dos textos. Dessa forma, fica difícil para os alunos produzirem seus textos e entender a nota que lhes foi atribuída.

**Palavras-chave:** Produção textual; Critérios de textualidade; avaliação.

## **ABSTRACT**

Noting the importance of working with textual production at school, in view of the fact that it is necessary to develop and improve the language skills of students, this work aims to analyze the criteria for evaluation and production of texts argumentative that both guide students at the time of writing and the teacher at the time of correction. In this sense, the criteria for textuality were analyzed in texts dissertative-argumentative texts produced by students of the 9th grade of elementary education in a public school in the city of Bom Sucesso-PB, in order to understand how are marks awarded for this type evaluation. Thus, the results of this research were obtained through a questionnaire answered by the teacher of the series, by observing the class, which was exposed, the kind of text and the topic discussed, and finally, through the analysis of the productions of these students. Therefore, various sources such as books and articles have been found to substantiate the basis of this research, including Gomes (2007), Koch (1989), Marcuschi (2008). On the analysis and inferences, we find a clear and objective way that some of the criteria used by the students at the time of preparation of the texts are unaware, because at no time of observation was seen exposing the textuality criteria, but were mentioned by tips teacher, considered insufficient for the elaboration of texts, it is not clear to students what would be observed in the production for the evaluation of the texts. Thus, it is difficult for students to produce their texts and understand the note assigned to them.

**Keywords:** Textual production; Textuality criteria; evaluation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	6
<b>1 DAS CAVERNAS AO PAPEL: BREVE ESCORÇO HISTÓRICO DA ESCRITA</b>	7
1.1 A escrita na civilização	7
1.2 A escolarização da escrita: o trabalho com produção textual	12
<b>2 DO TRABALHO COM A PRODUÇÃO TEXTUAL: TEORIA E PRÁTICA</b>	17
2.1 Critérios para produção textual: procedimentos teóricos	17
2.2 A produção textual escolarizada: analisando os critérios avaliativos em textos dissertativos	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	26
<b>REFERÊNCIAS</b>	28
<b>APÊNDICES</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos a prática de produção de textos tornou-se cada vez mais abrangente no universo escolar. Desse modo, percebemos como sendo de suma importância o trabalho com produções textuais no espaço escolar, pois é através dessa prática que o aluno se motiva e desenvolve habilidades como: escrever fazendo uso da norma padrão, desenvolver a noção de sentido, despertar a capacidade de um ser humano crítico e atuante, entre outras.

A partir dessa importância nos questionamos como essas produções são avaliadas, pois pode ocorrer a ausência de critérios, os quais devem nortear tanto a elaboração dos textos dos alunos quanto à correção do professor. Assim, sem critérios específicos, os alunos ficam alheios à produção de bons textos, pois com a ausência de critérios de textualidade fica bastante difícil a prática textual, ocorrendo, sem dúvidas, os “erros”.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar os critérios de avaliação e produção de textos dissertativo-argumentativos de uma turma do 9º ano de uma escola pública na cidade de Bom Sucesso-PB, buscando compreender de que forma são atribuídas notas a esse tipo de produção, ou seja, o que pretendemos é analisar quais os critérios avaliativos o professor utiliza para correção dos textos produzidos em sala.

Nesse sentido, o texto dissertativo é, sem dúvidas, um tipo de texto adequado para ser exposto em sala, contudo dispõe ao professor de inúmeras possibilidades de trabalho, inclusive, avaliar o aluno a partir de uma produção textual.

Então, com base no processo de produção textual surgem as seguintes questões: quais os critérios avaliativos utilizados na produção do texto dissertativo-argumentativo? E, como eles são aplicados? Através disso, surge a busca pelas informações necessárias para o desenvolvimento dessa pesquisa, a qual foi feita a partir de um questionário destinado ao professor da referida série e da coleta de dados gerados em decorrência da observação da aula em que foi exposto o gênero, o que nos possibilitou compreender melhor como é feita essa avaliação e atribuição de notas a partir dos textos produzidos pelos alunos.

Em vista disso, primeiramente foram coletados três desses textos dissertativos e elaborado um questionário contendo perguntas sobre essa produção textual. Esse questionário foi respondido pelo professor da turma e posterior a isso fizemos as análises comparando o que foi respondido e o que realmente foi feito, pois antes se fez necessária a observação da exposição do tema e dos critérios que o professor usou para expor o conteúdo e avaliar a elaboração dessas dissertações.



Assim, este trabalho é composto por dois tópicos e quatro subtópicos, sendo o primeiro tópico: *Das cavernas ao papel: breve esboço histórico da escrita* que dá origem aos subtópicos *A escrita na civilização* e *A escolarização da escrita: o trabalho com produção textual*.

Ainda, *A escrita na civilização* aborda, justamente, o início dos primeiros registros e a importância desses registros para fortalecimento das civilizações, ressaltando o avanço da escrita nos principais períodos. Mais adiante, o segundo subtópico enfatiza *A escolarização da escrita: o trabalho com produção textual*. A ligação da escrita com a escola é considerada algo muito estreito nesse subtópico visando a utilidade de trabalhar produção textual na escola pelo simples fato de formar pessoas aptas a desenvolver textos com qualidade a partir de uma visão crítica.

Em seguida, o segundo capítulo chamado *Do trabalho com a produção textual: teoria e prática* do qual se geram os dois últimos subtópicos, que são: *Crêterios para a produção textual: procedimentos teóricos* e *A produção textual escolarizada: analisando os critérios avaliativos em textos dissertativos*. Esses apontam a questão dos critérios de textualidades, a função que cada um exerce sobre a produção textual e se realmente tais critérios são levados em consideração na hora da correção e atribuição de notas.

Para alcançar nosso objetivo utilizamos como base teórica: Gomes (2007), Trindade (2008), Santos (2008), Koch (1989), Marcuschi (2008), dentre tantos outros. Todos eles foram utilizados para o embasamento e fortalecimento dos nossos argumentos em relação às temáticas abordadas no decorrer do nosso trabalho.

## **1 DAS CAVERNAS AO PAPEL: BREVE ESCORÇO HISTÓRICO DA ESCRITA**

### **1.1 A escrita na civilização**

Desde o início dos tempos, o homem buscou cada vez mais se comunicar com clareza e eficiência e essa busca começou quando os indivíduos passaram a viver em sociedade. Desse modo, se familiarizaram com os mais diversos utensílios encontrados nas localidades e produziram muitos produtos utilizados no dia a dia. Contudo, precisavam expressar melhor seus pensamentos, sentimentos e por fim seus atos.

No período paleolítico, que foi justamente na pré-história, o homem começou ganhar espaço, adquirir mais experiências e passou a dominar melhor a natureza. É nesse momento

de crescimento dos conhecimentos que o homem busca uma maneira mais objetiva para se comunicar. Nesse processo, surgiu as pinturas rupestres, artefato arqueológico muito conhecido na modernidade como resquício das antigas civilizações.

Os desenhos eram feitos nas cavernas, nas pedras e dessa maneira acontecia boa parte da escrita. Como afirma Gomes (2007, p. 02) “as pinturas rupestres, estas não são consideradas exatamente escrita, mas criptogramas aleatórias que pretendem transmitir sua mensagem, gravadas em um material da natureza”. Contudo, essas pinturas representavam, sem soma de dúvidas, os pensamentos, sentimentos e ações de todos aqueles povos.

Desse modo, esses desenhos contribuíram muito para a comunicação, no que diz respeito à duração do estado original de tais representações, assim, suportando os anos e as possíveis transformações da natureza. Gomes (2007, p. 03) enfatiza a questão dessa sobrevivência por muitos e muitos anos, “a arte primitiva é um legado de inscrições em rochas que desafiou o tempo, sobrevivendo há milhares de anos e ainda transmitindo informações sobre uma civilização inexistente”.

Mais tarde, ainda antes de Cristo, o homem passou a integrar-se em grupos cada vez maiores e aprimorar as suas habilidades. Assim, construiu casas e saiu das cavernas onde morava. Com isso, a escrita também evoluiu um pouco, ou seja, foi aprimorada e ampliaram-se as possibilidades de expressão por meio da escrita, essa que agora era feita em ossos e pedaços de madeiras.

Trindade (2008) destaca que nos anos de 5.000 A.C a 4.000 A.C surgiu o que chamamos de Idade dos Metais, uma nova fase, na qual o homem trabalhava com ferro e bronze. Período esse tido como próspero, tendo em vista, o grande crescimento das aglomerações populacionais, em decorrência da construção de centros urbanos.

Logo depois do período da Idade dos Metais, o homem ainda continuava evoluindo e, por conseguinte, aprimorando a escrita. Diante de tal processo, Gomes (2007) deixa claro que muitos historiadores marcaram como o encerramento da pré-história e o surgimento da história, justamente quando o homem começou de vez a escrever. Mas, vale ressaltar que esse processo de transformação não aconteceu em todo o mundo ao mesmo tempo.

Ainda na pré-história, com os primitivos, a escrita ocorria através de ideogramas para representar uma palavra e eram precisos vários signos pictóricos para conceber objetos e ideias. Com o passar dos tempos, a escrita começava a ganhar valores fonéticos para melhor explicar as ideias daqueles povos.

Por conseguinte, o alfabeto começa a surgir a partir da decomposição da palavra em sons, ou seja, Higounet (2003, p.08) deixa claro que “o alfabeto pode ser definido como um

sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem”. Desse modo, o povo fenício foi a primeira civilização a decodificar as palavras em sons e designar signos para representá-los.

Assim, Trindade (2008) destaca que o alfabeto fenício era composto por 22 símbolos que permitiam escrever qualquer palavra, pois eram sinais com formas precisas que montados ordenadamente simulavam graficamente qualquer som de fonema.

A criação desse alfabeto aconteceu com o intuito de facilitar o comércio, já que essa era a principal atividade econômica fenícia. Tal sistema de comunicação foi de grande valor tanto para os fenícios como para todo o Ocidente Contemporâneo. Assim, “O alfabeto fenício apareceu pela primeira vez em Biblos e é considerado a origem dos alfabetos atuais”.(GOMES, 2007, p.08)

Tempos depois, os gregos adotaram esse alfabeto e acrescentaram alguns sons vocálicos. O alfabeto grego se desenvolveu baseado no alfabeto fenício, sendo o primeiro a introduzir representações de vogais. Com o uso desse alfabeto foi possível escrever todos os movimentos do comércio, desse modo, registrar também os acontecimentos da sociedade.

A expansão da escrita no território grego serviu tanto para preservar informações de pessoas antigas como para registrar os feitos do comércio, já que era a principal fonte de renda daquele povo. Desse modo, os povos gregos foram de grande importância para a formação da cultura ocidental e também a ter muita facilidade na hora de aprimorar o alfabeto fenício. Gomes (2007, p.11) relata que “os gregos tivessem mais facilidade de apropriação do alfabeto fenício em relação aos demais alfabetos por uma questão prática de contato comercial com aquele povo”.

Os fenícios e os gregos mantinham uma forte relação pelo fato de desenvolverem técnicas de embarcação e do comércio, com isso utilizavam-se bastante da escrita, pois, para esse tipo de negócio era preciso a prática constante da escritura. Aquino (1980, p.123) afirma que “o comércio é a atividade econômica que mais exige o registro de suas transações: assinaturas de contratos, recibos de mercadorias etc”.

Embora haja quem diga que os fenícios foram os principais predecessores do alfabeto grego, há também quem diga que os gregos tiveram sua escrita originada no oriente bem próximo muito antes dos fenícios. Gomes chama atenção justamente para esse fato, relatando que:

Os gregos foram um dos primeiros povos a representar graficamente não ideias, nem sílabas, mas os próprios sons das letras, a menor parte decomposta de uma palavra. Com os desenhos dessa decomposição, houve um incremento significativo do alfabeto grego em si mesmo e para as escritas dele derivadas, a inclusão das vogais. Junto às consoantes, as vogais compunham ao todo 24 letras. (GOMES 2007, p.12).

Para Higounet (2003) o alfabeto grego é de grande importância, pois foi justamente nele que se acrescentou as vogais, por isso ele se tornou o primeiro de todos os outros alfabetos da atualidade. Portanto, se faz necessário dizer que o alfabeto grego tem grande valia para os povos atuais.

A inclusão das vogais no alfabeto grego enriqueceu bastante o currículo do mesmo, pois transmitiu para outras civilizações os conhecimentos da cultura grega, considerada uma das mais ricas da antiguidade. De acordo com Higounet (2003) o alfabeto grego serviu de intermediário para outros alfabetos e também nos processos históricos, geográficos e gráficos.

Assim, a partir dele surgiu o etrusco e o gótico para, dessa forma, originar o alfabeto latino que dominou o mundo ocidental. Com a evolução do alfabeto latino, a partir do domínio do império, a escrita foi aprimorada através da necessidade de crescimento, contudo, o homem buscava cada vez mais se socializar melhor e possivelmente melhorar as condições de vida.

Segundo Gomes (2007) o desenvolvimento dos métodos da agricultura e do comércio foram os grandes responsáveis pelos primeiros registros escritos, ou seja, os gregos e romanos necessitaram controlar os negócios. Nesse sentido, era preciso se comunicar com mais clareza e aprender registrar os números, pois à medida que a escrita evoluía as coisas ao redor também fluíam. Em decorrência disso, “a escrita teria sido criada primeiramente para atender a uma necessidade prática de informação agro-comercial, em vários lugares”. (GOMES, 2007, p.05)

Com a expansão do alfabeto latino, muitas regiões sofreram um impacto, pelo fato das reformulações linguísticas terem acontecido em algumas regiões. Contudo, o latim se expandiu por muitas terras, muitas vezes por imposição do império romano. Outros alfabetos surgiram para melhor conveniência e adaptação daqueles povos.

Gomes (2007, p.13) comenta que:

Nas regiões da Itália eram reconhecidas pelo menos duas modalidades de latim: o clássico, usados pelas pessoas cultas, falado e escrito; e o vulgar, usado pelo povo, apenas falado e de onde se originou a língua portuguesa. A língua falada nas regiões romanizadas era o latim vulgar. (2007).

Essas misturas de línguas deram origem a diversos outros idiomas e dialetos da Europa. Isso causou uma série de interferências nas línguas de outros lugares geradas por uma aculturação violenta de civilizações. Mesmo assim, grandes feitos passaram a ser escritos e fazer parte do dia a dia do homem até os dias atuais como: o calendário e as orações que foram registrados prevalecem até hoje.

Dessa forma, muitas pessoas perceberam a evolução da escrita na vida dos mesmos, então, passaram a interessar-se mais pelo aprimoramento da comunicação por meio da escrita e acreditar no sucesso que poderia acontecer em decorrência de mais conhecimentos. Segundo Kramer (2003, p. 66): “O que faz de uma escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê enraízam-se numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro, formando-se.”

Com a passagem de um período para outro, ou seja, da pré-história para a história que se deu justamente com interesse pela escrita, o homem foi ganhando mais autonomia e liberdade para escrever, simplesmente pelo fato de a escrita ter se tornado uma necessidade de domínio por parte de todos. Nesse sentido, é possível considerar que a criação da escrita é um dos principais fatores que melhor contribuiu para a evolução da humanidade. Conforme nos diz Barbosa (1991, p.34):

Na realidade esta, como muitas “invenções” do gênio humano, pode ser considerada como aprimoramento de algo que já era anteriormente conhecido. Infelizmente não conhecemos o nome de nenhum dos autores das reformas mais importantes na história da escrita. Seus nomes, como o de tantos outros grandes homens, responsáveis por melhorias essenciais da vida humana (como por exemplo o uso prático da roda, do arco e da flecha, da embarcação a vela) perderam-se para sempre no anonimato da antiguidade.

O que se conhece realmente são épocas, povos e locais de onde saíram os registros primitivos e não os nomes das pessoas os quais registraram. Tais criadores permanecem até hoje completamente desconhecidos. O que realmente se sabe, através de alguns historiadores, é que os primeiros registros escritos surgiram pelos os sumérios e na Mesopotâmia há muitos e muitos anos. Barbosa (1991, p.35) afirma que “o primeiro registro que se conhece é uma pequena lápide, encontrada nos alicerces de um templo em AI Ubaid”.

O surgimento dos primeiros registros foi de suma importância para que a escrita evoluísse e chegasse aos dias de hoje em pleno uso. Com a utilização da escrita é possível diferenciar formas de expressão, é possível gravar a história, representar a fala, enfim, é

possível construir culturas que possam garantir a possibilidade de concretização dos mais diversos pensamentos e ideias do ser humano.

Se antes o principal interesse pela escrita era simplesmente registrar algumas informações, hoje o papel da escrita é completamente diferente. A escrita, hoje, é considerada como algo de grande importância na formação dos sujeitos. Como diz Trindade (2008, p.03) a escrita “é a porta de entrada para a cultura, saber tecnológico, científico, erudito, etc”.

Com a escrita vem à aquisição da leitura que também é outro meio de comunicação tão importante quanto ela, ou melhor, saber decifrar um código é muito mais que dá significados a palavras isoladas. Trindade (2008, p. 04) afirma que “o ato de saber ler como patamar para atingir o sucesso implica em construir conhecimento, gerar reflexões e desenvolver uma consciência crítica sobre o que se é lido”.

É através da leitura que o indivíduo consegue chegar até a interpretação de textos. Com isso, é possível compreender melhor tais aspectos pertinentes à sociedade. Somente a escrita e a leitura podem levar o ser humano ao mais alto nível de conhecimento.

## **1.2 A escolarização da escrita: o trabalho com produção textual**

A ligação entre a escrita e a escola é algo muito estreito e conhecido por todos. Pelo simples fato de estabelecer relações de vários níveis de conhecimentos e diferentes condições sociais, a escola está sempre procurando atender a todas as necessidades dos seus alunos, e continua tentando seguir rigorosamente as propostas de ensino em função de um ser humano crítico e mais atuante na sociedade.

Desse modo, sabe-se que trabalhar com produção textual na escola não é algo considerado simples, tendo em vista as grandes dificuldades que alguns alunos encontram na hora de escrever. Por esse motivo, as atividades requerem muito planejamento por parte da escola, principalmente dos professores. Algumas dessas dificuldades decorrem, muitas vezes, de um conhecimento pouco abrangente em relação ao tema trabalhado, pois só é possível escrever bem quando realmente se conhece o assunto.

Segundo Santos (2008, p.02) “A prática da produção textual visa formar alunos escritores competentes, aptos a criar textos coerentes, coesos e eficazes”. De acordo com esse pensamento, as atividades propostas na escola devem ser diversificadas, e aptas a estimular a criatividade e assim desenvolver e aprimorar a capacidade de escrever dos alunos.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que:

A produção de discurso não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultados da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. (BRASIL, 1997, p. 21).

As produções textuais são os resultados de todo um trabalho discursivo com relação a um dado assunto. Por mais que já se tenha falado sobre um determinado tema, esse ainda pode gerar inúmeras discussões e opiniões. No entanto, produzir textos com clareza e eficiência é para muitos considerados uma tarefa extremamente difícil, embora prazerosa para outros. Ainda, a prática da escrita pode ser encarada pelos alunos como perda de tempo, ou como atividade enfadonha ou até mesmo como desnecessária, dificultando as atividades de produção textual.

Sabemos, também, que ainda existem escolas que oferecem simplesmente um ensino de produção de textos direcionados para o discurso do professor. Discurso esse no qual só o professor fala, sem ao menos conhecer a visão do aluno sobre determinado tema. Através disso, o aluno escreve exclusivamente para o professor, surgindo assim várias falas, e dentre elas: “*Não sei escrever*”.

Nesse sentido, Marcuschi (2008, p.58) afirma que:

Um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante a muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas.

Seguindo nessa concepção, não adianta pedir para os alunos produzirem textos sem mudar algumas práticas de trabalho, ou seja, os professores precisam evitar trabalhar dessa forma, como: “*escreva sobre suas férias, faça um desenho e a partir dele escreva algo*”. Enfim, novas práticas merecem ser adotadas pelo professor, para assim desempenhar um trabalho com eficácia no que diz respeito a uma produção escrita eficiente pelos alunos. Então, é preciso rever práticas desse tipo para que o professor execute trabalho.

Assim, se faz necessária a mudança de metodologias para que sejam favorecidas as discussões em sala, as quais ampliarão conhecimentos e habilidades linguísticas dos alunos. Com novas técnicas, o professor explorará os mais diversos aspectos que englobam o assunto em sala e, sem dúvidas, o conhecimento do aluno. Assim, Santos (2008, p. 03) afirma que o professor “pode usar estratégias como o despertar dos leitores por meio de discussão de ideias, manifestação de opiniões, trabalhando a oralidade e, finalmente, a produção textual”.

Por isso, incentivar o aluno a desenvolver a capacidade e o hábito da leitura é de suma importância, pois só é possível escrever com qualidade se antes o indivíduo atender à necessidade de leitura, e em decorrência disso acontece o aprimoramento da escrita. Através da leitura o aluno evolui e, com essa evolução ele passa dialogar com diversas informações, conhece o mundo com outros olhos, ou seja, torna-se uma pessoa crítica e capaz de entender aos mais diversos discursos.

Assim, o bom desenvolvimento da escrita depende essencialmente da prática leitura (ou hábito). Dessa maneira, o indivíduo precisa primar pela própria formação enquanto sujeito leitor, que é justamente conseguir fazer uma leitura do mundo em uma perspectiva freiriana e se posicionar diante dela. Vista por essa ótica, a produção textual passa a ser trabalhada como um processo de construção que visa diretamente a escrita, a releitura e a reescrita.

Desse modo, Teberosky (2000, p. 23) enfatiza que o ato da releitura e reescrita “não é só um meio, mas assume a qualidade de um objeto, quando os usuários não só interpretam ou repetem a mensagem, mas também a produzem ou a contemplam; então o ato de escrever assume novas funções”. Nesse sentido, a produção de texto é entendida como um processo pelo qual a releitura e a reescrita são utilizadas totalmente para contribuir na construção e na reflexão do aluno sobre o texto.

Nessa perspectiva, Koch (1989, p. 19) vem afirmar o conceito de texto que é “a unidade básica de manifestação da linguagem. [...] é muito mais que uma soma das frases (e palavras) que o compõe: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa”. Contudo, a releitura e a reescrita é um momento de intenso aprendizado para os alunos, pois é nessa ocasião que o professor poderá detectar inúmeros problemas, bem como criar soluções, ou seja, criar atividades pelas quais possa fornecer subsídios para o aluno identificar e analisar o texto criticamente.

Ainda, de acordo com Marcuschi (2008, p. 218) “O trabalho de escrita é também um trabalho de reescrita. O processo de produção deve ser de algum modo distinguido da produção final do texto. Pois, o produto final é o resultado de um processo de muitas revisões”.

Nesse sentido, o aluno poderá tirar proveito do momento de reescrita, pois essa é uma das ocasiões que ele é visto como um sujeito que faz parte do processo de produção de textos visando melhorar as suas produções. Então, espera-se que o estudante consiga desenvolver a capacidade de analisar textos e identificar os mais diversos aspectos, tanto de pontuação, quanto de elementos que tornam confuso o sentido da produção quando colocados inadequadamente no texto, pois afetam a coerência e a coesão textual.



Nota-se que isso não é algo simples, principalmente nas fases iniciais do Ensino Básico. Contudo, a capacidade de criticar aparece com maior rapidez e eficácia quando o trabalho é produzido pelo outro<sup>1</sup>. Segundo Santos (2008, p. 05) “Esse potencial deve ser absorvido de forma positiva pela escola, canalizando para uma prática de produção mútua, cabendo ao professor estimular a crítica construtiva”.

Assim, a construção de um texto é algo que exige qualidade na escrita dos alunos, no mínimo algum conhecimento internalizado. Por menor que seja a informação que o aluno já tenha absorvido no decorrer da sua vida é de grande utilidade para a interação em sala como também para a própria criação do texto. Esse conhecimento pode ser a habilidade com a escrita, alguma informação importante na hora da discussão, algum domínio sobre a gramática, a organização na hora de escrever o discurso próprio e até mesmo uma dúvida.

Partindo de algum desses conhecimentos, o aluno desenvolve a competência do discurso escrito, e isso implica dizer que ele poderá aprimorar com mais rapidez as ocorrências de uso da linguagem. Segundo Santos (2008, p.05) “O aluno precisa saber que os textos exercem um papel muito importante em nossas vidas e não podem ser tratados como simples registros para serem avaliados e guardados nos cadernos”.

Nessa perspectiva, o trabalho com produções de textos é um momento único tanto para despertar no aluno o desejo de aprimorar inúmeras habilidades comunicativas e linguísticas, dentre as quais a criação de textos oferece possibilidades de autorreflexão, crítica a organização dos espaços e poderes sociais, bem como a retomada de lugar nesse meio social.

No entanto, caso o texto esteja comprometido por alguns problemas tais como a estrutura, a análise linguística, os aspectos gramaticais, a ortografia, enfim todos esses pontos que por ventura estejam afetados, eles podem ser alertados pelo professor e posteriormente consertados pelos próprios alunos.

Assim, revisar o próprio texto é importante e considerado indispensável no processo de escrita, pois é a partir desse momento que o aluno pode começar a identificar os problemas e criar soluções. Vale salientar que é com o auxílio e orientações do professor.

A esse respeito Medeiros (2003, p.31) destaca que:

---

<sup>1</sup>O outro aqui entendido como indivíduo (colega ou não) que produza textos, os quais podem ser avaliados e analisados pelos alunos.

O segredo é ensinar algumas operações básicas de revisão, como cortar palavras ou trechos excessivos, substituir expressões vagas ou inadequadas, acrescentar elementos para tornar pensamentos mais claros, inverter termos ou sequências para conferir maior expressividade ou organizar mais claramente as ideias.

Essa técnica de revisão favorece a produção, pois consolida vários benefícios, e inclusive evita a prática da cópia, ou seja, evita que o aluno cometa plágio na hora de passar seu texto “a limpo” já que isso parece ser algo muito frequente. Por isso, a revisão é o momento de aperfeiçoamento do conhecimento.

O aprimoramento das produções vem com o tempo, pois à medida que o trabalho é feito em sala, o aluno poderá conseguir absorver um repertório de muitas palavras, ou seja, os recursos linguísticos vão sendo apreendidos e colocados de maneira correta nas referidas criações. Contudo, vale ressaltar a importância da indicação, por parte do professor, de bons livros, ou melhor, de vários recursos que funcionarão como apoio à escrita desses alunos.

Para tanto, quando o aluno estiver apto a estruturar e, caso precise, reestruturar o texto atendendo a todos os quesitos necessários, ligados ao conteúdo e a intencionalidade do texto, o professor poderá dizer que esse aluno adquiriu e executou muitas das orientações durante o processo de criação de bons textos.

Quanto à análise crítica da produção textual, essa tanto pode ser feita pelo próprio aluno como também pelo colega, mas de nenhuma forma o professor pode deixar de avaliar. Assim, sendo provido de muitos conhecimentos, o professor deve ser capaz de avaliar o desenvolvimento do aluno e poderá apontar todas as qualidades e os problemas que se encontram no texto.

Nesse sentido, Santos (2008, p. 06) destaca que:

As intervenções didáticas organizadas pelo professor permitem ao grupo de estudantes o encontro com diversas formas de escrever de seus colegas e gera momentos de crítica, análise e auto-avaliação. Ao mesmo tempo, permitem que o processo de avaliação aconteça de forma contínua permanente.

Diante desse conceito, as intervenções didáticas favorecem os alunos na forma de analisar o que foi escrito. Em decorrência surge a prática da socialização dos conteúdos que contribui para o aprimoramento de uma possível análise crítica posterior. Sem contar que a avaliação acontece de forma contínua, ou seja, de acordo com o andamento da escrita.

Assim, segundo Marcuschi (2008) não devemos esquecer de que essas produções textuais são escritas sob algumas condições, por um determinado autor com diversos conhecimentos direcionados a muitos fins e intenções. Dessa forma, é conveniente considerar

o texto como uma manifestação linguística que enfatiza a comunicação, então, o texto não pode ser considerado um produto acabado.

A troca de conhecimentos e a discussão gerada durante o processo de escrita de textos são consideradas de suma importância para a compreensão, a superação e o progresso referente aos assuntos de cada produção. Desse modo, a produção de texto é vista como um longo processo de ensino aprendizagem que envolve os alunos, possibilitando seu desenvolvimento e de outras habilidades como a expressão crítica e noção de sentidos.

## **2 DO TRABALHO COM A PRODUÇÃO TEXTUAL: TEORIA E PRÁTICA**

### **2.1 Critérios para a produção textual: procedimentos teóricos**

Construir um texto de qualidade é uma atividade complexa que exige dos alunos muitas práticas linguísticas e discursivas, pois o texto é considerado como uma unidade de difícil construção. A produção textual é formada por elementos linguísticos e pragmáticos, tendo em vista que, a variedade desses elementos tem tornado um pouco complicado a elaboração de um texto, mas facilitado no que diz respeito à qualidade da produção textual.

Muitos estudiosos tem procurado a melhor forma de explicar os elementos que compõem essa tessitura textual, dentre eles, Marcuschi (1983, p.12-3) enfatiza que:

A Lingüística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro lado, deve considerar a *organização reticulada ou tentacular*, não-linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

A coesão e coerência abordada pelo autor acima tratam justamente de uma integração de sentido gerenciada pelos elementos linguísticos, dessa forma, é necessário o estabelecimento da relação de um elemento com outro.

Segundo Simon (2008, p.01) “Um texto bem construído e, naturalmente, bem interpretado, vai apresentar [...] textualidade, conjunto de características que fazem de um texto, e não uma sequência de frases”. Nesse sentido, um texto bem elaborado possui muitas propriedades que são justamente os fatores que compõe a textualidade, ou melhor, são os grandes responsáveis pela formação de sentido do texto.

Tais fatores que constituem a textualidade do texto são divididos em dois grupos: fatores linguísticos e fatores extralinguísticos. Nesse sentido, Simon (2008, p. 01) destaca que “os fatores linguísticos são representados pela coesão, coerência e intertextualidade. Os fatores extralinguísticos são a intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e situacionalidade”.

Diante disso, é necessário compreendermos cada fator linguístico separadamente, para que se possa entender sua função dentro do texto. Desse modo, entende-se que a coesão textual é a manifestação das estruturas superficiais do texto, ou seja, a articulação dessas estruturas.

A estrutura superficial do texto é composta por elementos linguísticos que acionam conhecimentos de mundo. Para tanto, as palavras são vistas como meios para despertar o conhecimento que temos internalizado. Diante disso, ao ver uma palavra, ligeiramente o indivíduo faz uma ligação com outros significados e chega ao que chamamos de *esquema conceptual* a fim de melhor entender a definição.

As estruturas de coesão faz referência com “às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto”. (KOCH, 2005 s/p). Já a coerência é também conhecida pelas estruturas do texto, mas diferentemente da coesão que é superficial, a coerência se refere à estrutura global da produção, ou seja, o sentido completo do texto.

De acordo com Koch e Travaglia (2001, s/p), a coerência “está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ela é que faz com que o texto faça sentido para os usuários”. Sem soma de dúvidas a coerência é vista como um dos principais critérios de textualidade, pois consegue levar até o leitor o conjunto de todos os outros elementos. Para que ocorra a coerência os interlocutores de um determinado texto precisam enxergar outras possibilidades de manter relações com outros elementos do próprio texto. A coerência textual depende justamente dessa ligação, da forma como os conceitos se estruturam, desse modo, formando uma única estrutura.

Seguindo a sequência dos fatores linguísticos, a intertextualidade que está inserido nos fatores linguísticos pode ser entendida como os aspectos existentes em um texto e outros textos, isso é considerado como pontos inerentes e constitutivos de todo e qualquer texto. Dessa forma, Marcuschi (2008, p. 129- 130) se pronuncia: “[...] todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, nenhum texto se acha isolado e solitário”. Contudo, a intertextualidade acontece quando é possível estabelecer pontos em comum entre um texto e outro.

Diferentemente dos fatores linguísticos, agora, definiremos os fatores extralinguísticos. A intencionalidade, que é outro critério de textualidade, também revela sua importância na construção textual. A intencionalidade está ligada justamente às intenções do autor, ou seja, o autor faz uso de propostas (pretensões) para produzir seu texto.

De acordo com Marcuschi (2008, s/p) “com base na intencionalidade, costuma-se dizer que um ato de fala, um enunciado, um texto são produzidos com um objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor”. Esse critério é pouco analisado no texto, talvez por que a noção de sujeito seja considerada ampla. A intenção do autor do texto é vista como dono de toda produção.

Nessa concepção, a aceitabilidade se destaca como mais um critério de textualidade estando diretamente ligada a intencionalidade. A aceitabilidade é considerada pelo modo como o leitor recebe e aceita as propostas do autor, tendo como significativo ou não o texto. Marcuschi (2008, p. 128) destaca que “a aceitabilidade se dá na medida direta das pretensões do próprio autor, que sugere ao seu leitor alternativas estilísticas ou gramaticais que buscam efeitos especiais”.

Um dos fatores extralinguísticos que também compõe essa tessitura é a situacionalidade que está diretamente vinculada à situação contextual. A situação contextual pode ser (social, histórica e etc.) podendo se relacionar com as noções de gêneros discursivos. Para Marcuschi (2008, s/p) “todo texto conserva em si traços da situação a que se refere ou na qual deve operar” considerando ainda que “o critério da situacionalidade [pode se tornar] supérfluo, pois por natureza, já se admite que todo sentido é sentido situado, e não forma um princípio autônomo, na medida em que é em muitos casos um aspecto de outros critérios”.

Seguindo nesse raciocínio, Moreira (2001, p.11) destaca o último critério de textualidade mais conhecido por informatividade. Ainda segundo a autora “A informatividade ajuda na organização cognitiva que o leitor faz de um texto, pois dependendo da intenção do autor, este leitor pode perceber o sentido das informações contidas no texto com maior ou menor dificuldade”.

Esse critério é um pouco complexo pelo fato de precisar mais da atenção do leitor em relação às informações contidas nas produções textuais. Se fazem necessários a organização e articulação de todas as informações que o autor pretenda expor em sua produção para que dessa forma a compreensão exista.

Nessa perspectiva, esses são aspectos que representam conceitos e estabelecem relações subtextuais no texto, ou seja, são fatores que estão presentes na produção (coesão e coerência) e fatores que estão presentes no usuário (intencionalidade, aceitabilidade,

situacionalidade, intertextualidade, informatividade). Todo e qualquer texto é elaborado em decorrência da experiência textual e na importância que o autor faz do interlocutor.

De acordo com Gregolin (1993, p. 25): “O trabalho na sala de aula deve buscar o desvendamento dessa tessitura particular que envolve diferentes elementos e produz *efeitos de sentidos*: são os procedimentos de argumentação que unificam o sentido e apontam para os vários sentidos criados no texto”.

A importância da argumentação de um texto não exclusivamente decorre das informações presentes na produção, mas também das mais variadas expressões, termos que servem para nortear o destinatário. Contudo, a argumentação é o fator que melhor desenvolve a coesão e coerência do texto, isso em relação aos demais fatores da textualidade. (FÁVERO E KOCH 1985).

Os aspectos linguísticos presentes na produção de texto favorecem a textualidade e orienta o leitor no momento de interpretação. A argumentação bem utilizada pelo autor do texto na própria produção é justamente o que facilita a compreensão.

Desse modo, Gregolin (1993, p. 26) afirma que: “Os sentidos de um texto são construídos por fatores linguísticos, cognitivos, culturais e interacionais, que devem ser recuperados na leitura”. Nessa ótica, os sentidos do texto começam a partir da forma da escrita, ou seja, começam através da produção (escrita ou oral), na qual se constrói a estrutura, e podem ser compreendidos na leitura que é justamente o momento de interpretação.

Um texto para ser bem compreendido é preciso que o autor no instante da produção faça uso dos fatores linguísticos e extralinguísticos coerentemente, o que acarretará à eficácia, ou seja, sua produção estará repleta tanto do conhecimento de mundo quanto do conhecimento de língua que ele possua.

Todos os critérios de textualidade acima citados são vistos como ferramentas de identificação de alguns problemas encarados por alunos nas construções textuais. Uma análise da estrutura dos textos feita pelo professor ocasionará, sem dúvidas, no momento de reescrita, momento muito importante para edificação da aprendizagem dos alunos.

Segundo Moreira (2001, p.11) “É por meio do planejamento, da escrita, da revisão e da reescrita que se torna possível verificar a atitude do estudante em relação às dificuldades apresentadas e identificadas em seus textos”. Nessa ótica, os alunos poderão não mais cometer tantos deslizes e aprimorar cada vez mais a prática de produzir bons textos.

Existem muitos tipos de textos e todos necessitam de um conjunto de fatores adequados, pois cada texto deve apresentar sua própria estrutura para que, dessa forma, as ideias se mostrem bem escritas e assim o leitor possa compreendê-las. Para que isso aconteça

todos aqueles fatores de textualidade precisam ser colocados em pleno uso por produtores de textos. Sem dúvidas, a utilização desses procedimentos facilitará tanto a produção do autor como também a compreensão do leitor.

## **2.2 A produção textual escolarizada: analisando os critérios avaliativos de textos dissertativos**

Para melhor considerar e analisar os critérios avaliativos na elaboração de textos dissertativos argumentativos no espaço escolar optamos por algumas produções. Dessa forma, foram escolhidos três textos de alunos do 9º ano, do Ensino Fundamental II, de uma escola pública da cidade de Bom Sucesso- PB.

Buscamos, por meio de um questionário, de uma breve observação e de alguns textos dissertativos produzidos por esses alunos, compreender se o professor realmente estabelece critérios para a correção desses textos e, ao mesmo tempo, perceber a utilização de algum critério consciente ou inconscientemente utilizado nos textos daqueles alunos.

Na realidade, Gomes (1999, p. 28-29) dá ênfase a alguns procedimentos que devem ser levados em consideração na hora da avaliação das produções textuais:

O primeiro diz respeito à observação sistemática, momento em que ele acompanha, utilizando registros, o processo de aprendizagem; o segundo se dá através das análises das produções dos alunos, lugar onde eles demonstram o que aprenderam sobre determinado assunto, argumentam o ponto de vista que têm; o terceiro diz respeito às atividades específicas para a avaliação, como, por exemplo, a objetividade ao expor um tema.

Sem sombra de dúvidas, esses são procedimentos que edificam a aprendizagem dos alunos, isto é, a prática de produção textual se concentra em um amplo processo pelo qual o aluno passa, para que dessa forma, os conhecimentos sejam considerados e avaliados.

Diante disso, a nossa pesquisa foi dividida em alguns passos, dentre os quais temos o primeiro que constituiu em elaborarmos um questionário<sup>2</sup>, direcionado ao professor da referida série, contendo perguntas sobre produção textual e quais os procedimentos utilizados na correção das produções dos alunos. Dentre as questões respondidas, as respostas mais significativas foram as que se seguem.

---

<sup>2</sup> Questionário disponível em apêndice.

Inicialmente, o professor respondeu à primeira questão que perguntava como é o trabalho com a produção textual do tipo dissertativo, afirmando que: *a princípio o trabalho é feito com base no tema sugerido na produção, para que os alunos tenham uma amplitude maior de conhecimentos acerca do tema.*

Mediante a resposta do professor, podemos enfatizar que ela está relacionada ao pensamento de Haydt, (1988, p. 20) sobre a verificação e aprimoramento dos conhecimentos internalizados sobre o tema sugerido.

[...] é recomendável que o professor verifique quais as informações que seus alunos já têm sobre o assunto, e que habilidades apresentam para dominar o conteúdo. Isso facilita o desenvolvimento da unidade e ajuda a garantir a eficácia do processo ensino-aprendizagem.

Posteriormente, o professor respondeu à pergunta que faz referência a quais são os critérios usados na avaliação do texto. Logo, ele enfatiza da seguinte maneira: *faço a avaliação dos textos produzidos considerando o contexto geral da produção, o conteúdo semântico-ideológico e as regularidades linguísticas que compõem o texto.* e complementa isso ao dizer que faz uso dos seguintes critérios avaliativos: *o contexto semântico-ideológico, as regularidades linguísticas que compõem o texto, se não foge ao tema proposto, o contexto social e histórico, a estrutura textual, seleção e organização argumentativa.*

Diante disso, percebemos que critérios que o professor cita ao responder a pergunta se assemelham perfeitamente com os critérios de textualidade mencionados por Simon (2008) os quais estão a serviço da qualidade textual o que torna o texto um conglomerado de sentidos e não apenas um aglomerado de frases sem sentido.

Ainda, as palavras do professor ao citar *semântico-ideológico* suscitam a tentativa de dividir a correção ou avaliação textual em dois polos de análises: o primeiro semântico-ideológico, o qual subentendemos que faz referência ao conhecimento do aluno, entretanto, é perceptível que não há rigorosamente ou condensação desse critério, tendo em vista que o campo semântico-ideológico (se é que haja essa junção) é abrangente e complexo.

Assim, com base nas perguntas e respostas do questionário foi preciso colocar em prática outro passo da nossa pesquisa: observação da aula, pela qual percebemos a exposição de alguns desses “critérios”, isto é, o intuito de observar a aula de produção textual foi perceber os procedimentos utilizados pelo professor para alcançar um produto final, um texto dissertativo argumentativo, textualmente escrito. Na aula o professor expôs o tipo de texto e o tema proposto *Moda: do bem estar à escravidão* que foi debatido em classe.



A observação dessa aula foi realizada no dia 21/03/2016. O assunto se deu, justamente, em uma breve exposição do que seria um texto dissertativo argumentativo. A princípio o professor deixou claro que: *era um gênero mais complexo, pois exigia argumentos convincentes e muita leitura.*

Diante disso, o que realmente comparamos foram as respostas do questionário com a observação da aula e concluímos que o professor fez uso de alguns “critérios” citados nas respostas, ou melhor, foi exposto pelo professor alguns pontos como: utilizar uma linguagem mais culta, adequar os argumentos de forma que o texto tenha sentido, atender a estrutura e ao tema proposto, enfim, foram dadas dicas para os alunos colocar nas produções dos seus textos, mas ainda de forma rasa, o que poderia ter sido aprofundado mais. No decorrer dessa aula foi tratado, com muita precisão, a estrutura, o tema em questão, o contexto social do tema e, principalmente, as características do texto dissertativo-argumentativo.

Dessa forma, podemos dizer que esses assuntos foram sim abordados na sala, mas em momento algum considerados como critérios a serem seguidos para produção e avaliação textual. Percebemos, assim, que o professor não tratou de critérios específicos, ou seja, teria sido mais proveitoso para o conhecimento dos alunos relatar cada critério de textualidade citado por Simon (2008), tendo em vista que mesmo com as dicas do professor os alunos enfrentaram grande dificuldade no momento da escrita.

Ademais, o professor frisou bastante a questão da estrutura, ou seja, da introdução, desenvolvimento e conclusão. Desse modo ficou notório que o grau de dificuldade dos alunos aumentou no momento da produção devido às perguntas que surgiram no decorrer da escrita. Perguntas tais como: *o texto precisa ter o que mesmo? Na introdução é preciso colocar o que?* Ou melhor, no início das produções os alunos ficaram presos à estrutura do tipo textual, esquecendo-se da função desse texto.

Nesse sentido, dando sequência à observação da aula, o professor em momento nenhum expôs como seriam avaliadas e, posteriormente, atribuídas as notas das produções textuais nos deixando inquietos quanto aos critérios de textualidade considerados por muitos autores, inclusive Marcuschi (2008), como ferramentas de construção e avaliação das produções textuais.

Nesse sentido, os critérios de textualidade são fundamentais para a construção de bons textos e sem dúvidas para a avaliação dos mesmos. O conhecimento dos critérios de textualidade ajuda os alunos a fazerem desdobramentos nas produções e, sem dúvidas, a seguirem uma linearidade bastante importante para a compreensão dos leitores sobre os textos.

Nessa perspectiva, para Moreira (2001, p. 07) “Os critérios de textualidade são, portanto, uma tentativa de apontar as relações linguísticas, sociais e cognitivas (que não são estanques e paralelas) envolvidas na construção textual”. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos afirmar que existe dificuldade em produzir textos com qualidade e avaliar com precisão sem o uso desses critérios de textualidade.

Ainda, mais adiante, executamos o último passo da nossa pesquisa que encerrou-se com as análises das produções textuais citadas acima. Desse modo, fazendo um corte em relação aos achados da nossa pesquisa que se formaram nas análises das produções textuais dos alunos, procuramos focalizar o uso dos critérios de textualidade, tendo em vista que o professor utilizou de poucos “critérios” e de forma rasa a respeito da importância dos mesmos para elaboração de textos deixando em aberto (para os alunos) como seriam avaliados essas produções textuais.

Diante disso, optamos por não divulgar a identificação dos alunos, como uma forma de deixá-los livres para que pudessem escrever sobre tudo que quisessem em relação ao tema sugerido. Os textos produzidos pelos adolescentes constituíram-se em um material anexado posteriormente, do qual recolhemos três textos para serem analisados. Em seguida, fizemos um recorte desses textos e utilizamos para elucidar essa análise.

Nosso primeiro enxerto é do aluno 1 que iniciou seu texto usando a intertextualidade, um dos critérios de textualidade: *Desde boa parte do século XXI algumas pessoas vem fazendo da moda uma escravidão ao invés de bem estar.* No decorrer da produção, esse aluno também faz uso de outros critérios de textualidade como: informatividade, pelo qual transmite para o leitor informações que são justificadas com argumentos coerentes: [...] *boa parte das pessoas acabam colocando em risco suas vidas fazendo cirurgias sem necessidade, regimes sem orientação de especialista, entre outras coisas para estar na moda. Em primeiro plano deve se saber que regime sem orientação e cirurgias desnecessárias não fazem bem ao corpo.*

Assim, a situacionalidade flui normalmente na produção do aluno 1, pois esse consegue adequar seu texto a uma situação comunicativa quando diz: [...] *as pessoas acreditam em tudo que vêem na mídia e tentam seguir a qualquer custo esquecendo da sua saúde. Um dos principais motivos disso é a fácil influência da mídia nas pessoas.* O uso adequado desse critério remete ao pensamento de Marcuschi (2008 s/p) de que “todo texto conserva em si traços da situação a que se refere ou na qual deve operar”.

Já o aluno 2 faz uso de um critério muito importante para a produção do texto, a coesão, visto que está inserido nos fatores extralinguísticos e é de grande utilidade para a formação do sentido do texto. Esse aluno adequa os elementos coesivos e usa fortes

argumentos na escrita do segundo parágrafo: [...] *o padrão de beleza que esta sendo mostrado e isso é muito preocupante, visto que, a grande maioria das pessoas não dispõe de uma visão crítica e terminam seguindo rigorosamente os padrões de beleza impostos e terminam perdendo a sua identidade.*

A intencionalidade está presente na produção do aluno 2 quando ele relata: [...] *Em nome da beleza, atualmente tanto homens quanto as mulheres estão buscando cada vez mais as cirurgias plásticas, estéticas e dietas exageradas e isso não é saudável, pois as vezes acabam perdendo a coisa que temos de mais valioso a vida.* Tendo em vista que a intencionalidade está ligada diretamente ao esforço do autor em elaborar uma comunicação eficaz, ou melhor, que satisfaça os objetivos dos leitores (SIMON, 2008).

Em seguida, com o aluno 3 também não é diferente, pois ele consegue inserir na sua produção critérios importantes como a situacionalidade, um critério necessário para o desenrolar do texto, embora desconhecido para o estudante, já que esse critério como os demais não foram debatidos em sala: [...] *existem pessoas que sacrificam o seu corpo ou até a sua própria vida e se sentem bem com tal exagero para estar conectada com a moda e os padrões de beleza exigidas pela sociedade, expostos na televisão, nas redes sociais e nas revistas de moda.*

Outro critério relevante para o resultado da produção do aluno 3 foi a coesão. Considerada por Simon (2008, p.02), a coesão “provém da forma como as relações lógico-semânticas do texto são expressas na superfície textual”. Nesse sentido, a coesão foi utilizada de forma adequada causando uma linearidade importante para a compreensão do texto, o que podemos constatar-la nesse trecho: [...] *A moda propõe regras que interferem em nossa vivência, na nossa alimentação e no nosso estilo e serve de incentivo a todos.*

Vale ressaltar, diante disso, que todos os critérios de textualidade foram encontrados nas produções que analisamos, mas consideramos os critérios listados acima os mais relevantes em decorrência dos trechos que selecionamos (para ver o texto na íntegra consulte os anexos).

Assim, com base nas análises, constatamos que todos os três textos analisados seguem, ou melhor, procuraram seguir a estrutura do tipo de texto. Apresentam introdução, desenvolvimento e conclusão, ou melhor, os alunos professaram pelas dicas citadas pelo professor, embora tenhamos percebido que as conclusões do aluno 2 e 3 seguiram por um lado mais pessoal, o que descaracteriza o gênero argumentativo: Aluno 2: [...] *as pessoas não devem prejudicar a sua vida [...].* Aluno 3: [...] *toda sociedade deveria pensar melhor nos exageros que cometem para estar na moda [...].*

Mediante as análises, vimos que todos os textos apresentam uma sequência lógica, ou seja, todos estão coerentes perante o tema e aos elementos coesivos. Mesmo com a lacuna deixada pelo professor em termos de citação e aprofundamento dos critérios de textualidade os alunos conseguiram encaixá-los em seus textos, lembrando que ocorrem no decorrer dos textos alguns desvios que não colaboram para o fracasso da produção. Desse modo, podemos concluir relatando que os textos dissertativo-argumentativos que foram selecionados para nossas análises atenderam a utilização dos critérios de textualidade inconscientes, já que não foi algo debatido com clareza e eficácia em sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabendo que os critérios de textualidade são os que norteiam tanto a elaboração dos textos como a avaliação dos mesmos, ou melhor, sem o uso desses critérios específicos as dificuldades dos alunos aumentam, nos propomos com esse trabalho discutir como as produções de textos são realmente avaliadas, podendo ocorrer a falta de um critério ou outro.

Na primeira parte deste trabalho, constatamos que a escrita deixou marcas positivas nas civilizações, pois desde o início dos tempos o homem busca se comunicar cada vez melhor, o que acarreta a cada novo período histórico novas descobertas e, por conseguinte, o aprimoramento da escrita.

Assim, com o passar dos anos, a escrita se expandiu por muitas regiões, o que favoreceu ainda mais o interesse das pessoas tendo em vista a necessidade da escrita para o crescimento do comércio, já que era uma das atividades econômicas de grande importância para aqueles povos. Desse modo, o surgimento dos primeiros registros foi fundamental para que a escrita evoluísse e chegasse até hoje em uso total. Para isso, se fez necessário a escolarização das letras.

Já na segunda parte deste trabalho, percebemos que a ligação entre a escola e a escrita é algo extremamente estreito, pois estabelece fortes relações de níveis de conhecimentos e de condições sociais. Nesse contexto, surge a prática de produção de textos que tornou-se extensiva no âmbito escolar pelo fato de desenvolver inúmeras habilidades, inclusive, desenvolver a capacidade crítica do ser humano.

Diante disso, percebemos a necessidade de analisar os critérios de avaliação e produção de textos dissertativos-argumentativos, de uma turma do 9º ano, de uma escola

pública na cidade de Bom Sucesso-PB. Dessa forma, buscamos compreender como o professor atribui notas às produções textuais dos seus alunos. Através desse processo, no qual constitui-se a produção textual, surgiram muitas questões tais como: quais os critérios avaliativos utilizados na produção do texto dissertativo- argumentativo? E como eles são aplicados?

Nesse sentido, a fim de esclarecer tais questões, procuramos por meio de um questionário destinado ao professor da série, da observação do que ele expôs acerca do assunto e das análises das produções constatar como acontece o processo que vai da exposição do assunto, até a avaliação.

Através dessa pesquisa, ratificamos que os alunos continuam sem saber como seus textos são avaliados, pois, ao observamos a aula que se deu na exposição do texto dissertativo-argumentativo e posterior a produção de textos, não constatamos a fala do professor a respeito dos critérios que seriam considerados para a atribuição das notas. Embora tenham sido relatados no questionário os critérios avaliativos.

Assim, comparando as respostas do questionário com a observação da aula, percebemos que foram citadas dicas de construção de texto, as quais foram insuficientes e esclarecidas de forma rasa, o que dificultou a elaboração dos textos e conseqüentemente se distanciou dos critérios avaliativos que o professor usou ao responder o questionário.

Portanto, concluímos que os alunos atenderam de maneira inconscientes aos critérios de textualidade considerados de grande importância tanto para a construção dos textos como para a avaliação das produções. Usamos o termo inconsciente pelo fato de que no questionário o professor relatou critérios que se assemelham com os indicados pelos autores para elaborar e avaliar textos, entretanto na exposição da aula ele apenas mencionou dicas que não condizem exatamente com os critérios citados no questionário, mas mesmo assim, os alunos conseguiram elaborar seus textos.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, R.S.L. **História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1980.
- BARBOSA, J.J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991. Disponível em: <[www.ple.uem.br/defesas/pdf/amsvgomes.pdf](http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/amsvgomes.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2011.
- FÁVERO, L. L., KOCH, I . G. V. **Crêterios de textualidade**. Veredas, v. 104, p. 17-34, 1985.
- GOMES, A.M.S.V. **Avaliação de textos: uma abordagem dialógica**. Maringá, 1999.
- GOMES, E.C. A escrita na história da humanidade. **Dialógica, revista eletrônica da Faced**. vol. 2, nº 3, 2007.
- GREGOLIN, M. R.V. **Linguística Textual e Ensino de Língua: Construindo a Textualidade na Escola**. Alfa, São Paulo, V. 37, p. 23- 31, 1993.
- HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988.
- HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. 10ª edição – São Paulo : Parábola Editorial, 2003.
- KOCH. I.G.V. **A coesão textual**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 1989.
- \_\_\_\_\_ TRAVAGLIA, L.C. **A coerência textual**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KRAMER, S. Escrita, experiência e formação: múltiplas possibilidades de criação escrita. In: YUNES, E. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife: UFPE, 1983.
- \_\_\_\_\_ Produção Textual, Análise de gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEC/SEF- Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, 1997, volumes 1 e 2.
- MEDEIROS, M.A. A chave para um bom texto: revisão. In: **Revista Nova Escola**, ano, nº 167, novembro de 2003, p. 30 e 31.
- MOREIRA, R. A. S. S. **Representando a (re)escrita de textos: Leitura e Produção Textual na Universidade de Brasília (UNB)**. Janeiro de 2001.
- SANTOS, V.C. A produção textual na escola: eu escrevo, tu escreves, ele escreve... Como? **Anais do III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino**, 2008, UESC.
- SIMON, M. L. M. **A Construção do Texto Coesão e Coerência Textuais Conceito de Tópico**. FFPC UERJ, 2008.

TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. Trad. De Cláudia Schilling. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

TRINDADE, A.P.P. O processo histórico da escrita e sua importância na formação do sujeito. **Planeta Educação**, GEPI Online, 2008. Disponível em:  
<[http://www.planetaeducacao.com.br/novo/gepi/processo\\_historico\\_da\\_escrita.pdf](http://www.planetaeducacao.com.br/novo/gepi/processo_historico_da_escrita.pdf)>

## APÊNDICES

### Questionário de Pesquisa

Formação do professor: Graduação em Letras

Pós- graduação: Especialista em Linguística Aplicada

Quantos anos de atuação: 25 anos

1. Como você trabalha a produção textual do gênero dissertativo?

*R: Procuo trabalhar em princípio com o tema a ser sugerido na produção, para que os alunos tenham uma amplitude maior de conhecimentos acerca de tema. Ao partir para a produção textual, prefiro trabalhar expondo de forma geral a proposta do texto dissertativo, seguido da exposição e estudo de vários textos dissertativos, de modo a viabilizar o processo de produção, e por fim, identifico junto com os alunos os recursos e características presentes no tipo de texto em evidência, para que haja uma boa aceitabilidade e compreensão.*

2. Como você avalia a produção feita pelos alunos?

*R: Considero a produção textual muito relevante para o desenvolvimento sócio-histórico e ideológico do aluno; porém os textos que os mesmos escrevem apresentam muitas dificuldades nos aspectos estruturais, semânticos e sintático. Acredito que o trabalho com a produção textual requer muita leitura, discursão e posicionamento argumentativo. Dessa forma, avalio esse trabalho de maneira ainda fragmentada, na qual ainda não há uma articulação entre todos os elementos e recursos que compõem o texto dissertativo-argumentativo.*

3. Quais os critérios usados na avaliação do texto?

*R: Faço a avaliação dos textos produzidos considerando o contexto geral da produção: o contexto semântico-ideológico e as regularidades linguísticas que compõem o texto, observo se o texto obedece uma sequência lógica, se não foge ao tema proposto, o contexto social e histórico, a estrutura textual, seleção e organização argumentativa e o conhecimento de mundo acionado, visto que os processos de produção e compreensão de textos ganham novos sentidos em diferentes situações de comunicação. Após a correção dos textos apresento à turma as dificuldades mais evidentes e, conjuntamente detectamos os “erros” e procuramos minimizá-los.*

4. O que é uma boa produção textual?

*R: Um bom texto dispõe de boas ideias, argumentos consistentes, que estabeleça uma relação comunicativa e tenha uma certa linearidade e coerência nos aspectos semânticos e pragmáticos, obedecendo as regularidades linguísticas que compõem o texto.*



# **ANEXOS**

## Atividade de produção textual

Com base nas leituras dos textos trabalhados e nos conhecimentos de mundo construídos no decurso de sua vida, redija um texto dissertativo-argumentativo acerca do tema Moda: do bem-estar à escravidão. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa do seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

### Moda: Do bem-estar à escravidão

Desde sua parte do século XV algumas pessoas usam roupas da moda e uma escravidão de um ser de bem-estar. Em nome da moda, terminam de alguma forma voluntária ou não de um estilo próprio para seguir um estilo imposto pela sociedade, para não ser visto como velho e pobre, mesmo que isso cause infortunação. Além disso, há parte das pessoas, mesmo celebrando em seus seus ritos, fogem de algumas sem necessidade, mesmo sem orientação de especialistas, entre outros, mesmo para estar na moda.

Em primeiro plano, deve-se entender que regimes sem orientação e condições adequadas não fazem bem ao corpo. As pessoas acreditam em estudos que dizem, no entanto, também seguem a qualquer custo seguindo da moda. Um dos principais motivos disso é a fácil influência da mídia nas pessoas. Algumas pessoas acabam tomando providência sem ter orientação.

Então, pessoas não devem querer fugir de tudo o que vem em televisão, mesmo redes sociais entre outros. Não é porque uma pessoa tem o corpo de muitos limites que não deve ter. Também, toda pessoa tem seu gosto e é bonito de seguir que é. Não devemos esquecer sempre bem-estar, a mesma qualidade de vida para seguir como padrão de beleza que realmente não é o mais importante de se seguir. O mais importante é viver como quem somos e viver a vida aproveitando cada instante.

## Atividade de produção textual

Com base nas leituras, dos textos trabalhados e nos conhecimentos de mundo construídos no decurso de sua vida, redija um texto dissertativo-argumentativo acerca do tema **Moda: do bem-estar à escravidão**. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa do seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

As pessoas em busca de padrões de beleza, que geralmente não impostas pela sociedade fazem da moda uma escravidão e não um bem-estar, e deste modo acabam sendo manipulados no ponto de vista da própria vida.

Os meios de comunicação divulgam a todo momento personagens que estão preocupados com o seu perfil visual fazendo com que os telespectadores se contagiem e sigam rigorosamente o padrão de beleza que está sendo mostrado e isso é muito preocupante, visto que, a grande maioria das pessoas não dispõe de uma visão crítica e terminam seguindo rigorosamente os padrões de beleza impostos e terminam perdendo a sua identidade.

Em nome da beleza, atualmente tanto os homens quanto as mulheres estão buscando cada vez mais as cirurgias plásticas, estéticas e dietas exageradas e isso não é saudável, pois as vezes acabam perdendo a coisa que tem de mais valioso, a vida.

Muitas vezes as pessoas fazem dietas extravagantes academia sem orientação e até mesmo cirurgias desnecessárias alegando que é para se manter em forma e estar de bem com a vida e consigo mesmo, mas geralmente acabam exagerando tanto que terminam se escravizando para estar na moda e perdendo a sua identidade pois muitas vezes deixam de usar algo de que realmente gosta para estar a que está na moda, mesmo assim fazendo um erro.

Portanto, as pessoas não devem prejudicar a sua vida em nome de um padrão de beleza imposto pela sociedade. Temos que pensar e agir de forma consciente, fazer o nosso próprio estilo vestindo aquilo que nos faz sentir de bem, fazer dietas, praticar exercícios físicos, com orientação de profissionais capacitados para não cometermos o risco de nos prejudicarmos e nos escravizarmos.



## Atividade de produção textual

Com base nas leituras dos textos trabalhados e nos conhecimentos de mundo construídos no decurso de sua vida, redija um texto dissertativo-argumentativo acerca do tema Moda: do bem-estar à escravidão. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa do seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

### Moda: do bem estar à escravidão

Hoje em dia, existem pessoas que sacrificam o seu corpo, ou até a sua própria vida e se submetem a um bem tal exagero para estar bem vista com a moda e os padrões, de beleza exigidos, pela sociedade, expostas na televisão, nas redes sociais, e nas revistas de moda. É isso é uma coisa muito negativa, que só contribui para a perda, da nossa identidade e vivência saudável e produtiva.

A moda propõe regras, que interferem em nossas vivências, na nossa alimentação e no nosso estilo de vida, de maneira a todos, o que é bastante complicado, se não tivermos um olhar crítico de tudo que nos é proposto para não cairmos em tudo isso. Paradoxalmente, um ator é um apresentador, ou qualquer pessoa que, esta na mídia dispõe um poder de sedução muito grande, por isso, terminam impondo estilos e na maioria das vezes embelezam aquilo como uma arte, seguem sem pensar nas consequências.

Portanto toda sociedade deveria pensar melhor nos exageros que cometem para estar na moda. Os governantes, através de redes sociais fazer campanhas sobre esse assunto ressaltando a importância de uma vida.